

TRABALHADORES MIGRANTES SÃO HOMENAGEADOS POR SINDICATO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Cerca de 500 trabalhadores migrantes, principalmente da área da construção civil, foram homenageados em dezembro do ano passado com um almoço promovido pelo Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil (STICC), em Porto Alegre. A festa, em clima natalino, teve apoio do Secretaria Nacional da Construção Civil da União Geral dos Trabalhadores (UGT) e da Internacional de Trabalhadores da Construção e da Madeira (ICM). O almoço foi a típica comida haitiana. Houve sorteio de bicicletas e brindes.

O presidente do STICC, Gelson Santana,

destacou que cerca de 80% dos trabalhadores migrantes no RS são oriundos do Haiti e o restante vindos da África, atuando principalmente da construção civil. Ele observou que é o segundo ano de realização do evento para “mostrar que o povo gaúcho é caloroso, amigo e parceiro”. O grande objetivo, frisou, é dar “um exemplo para o mundo do que é cuidar das pessoas”. O dirigente recordou que os migrantes entram no país mas, depois, os governos não prestam a devida assistência. “Queremos que eles façam uma reflexão sobre a sua força e entendam que são capazes de construir uma nova realidade para as suas vidas”, enfatizou.



STICC ASSINA ACORDO BILATERAL QUE VISA APOIAR O TRABALHADOR NO HAITI

Durante o almoço festivo realizado em dezembro do ano passado para homenagear os trabalhadores migrantes, o presidente do STICC, Gelson Santana, anunciou a assinatura de um acordo bilateral entre a organização brasileira e o sindicato dos trabalhadores no Haiti. Ele afirmou que todas as contribuições sindicais dos migrantes haitianos no RS serão repassadas pelo STICC. “Estamos abrindo mão da arrecadação”, assegurou, enfatizando a im-

portância da solidariedade ao país caribenho.

A intermediação foi realizada pela Internacional de Trabalhadores da Construção e da Madeira (ICM), com sede no Panamá. O representante regional da ICM para América Latina e Caribe, Nilton Freitas avaliou que o inédito acordo é um tipo de ajuda fundamental para a reconstrução do Haiti, que convive com uma alta taxa de informalidade no mercado de trabalho. “É prática solidária e humanista. É fundamental”, concluiu, referindo-se ao acordo.

A REFORMA TRABALHISTA NO BRASIL ESTÁ VINDO PARA PREJUDICAR O TRABALHADOR

No final de 2016 o Governo Michel Temer prometeu enviar ao Congresso, no início de 2017, uma proposta de “modernização das leis trabalhistas” que se junta ao pacote em que se inclui a reforma da Previdência Social. Esta última, uma afronta aos trabalhadores mais humildes, como os da construção civil. O mundo atual está cada vez mais desumano. O capitalismo está cada vez mais selvagem e nós não seremos a caça.

Entre os diversos pontos levantados sobre a reforma trabalhista, está que os acordos firmados entre sindicatos de trabalhadores e as empresas poderão se sobrepor às leis trabalhistas vigentes há muitas décadas. Se não bastasse afirmar que as leis não deveriam ser solapadas por negociações menores, a proposta apresenta uma grave afronta aos direitos adquiridos, principalmente quando sabemos que, infelizmente, no Brasil, existem entidades que passam por graves crises de representação. Será que podemos afirmar que 100% das orga-

nizações sindicais brasileiras deveriam ter o direito a negociar algo que iria se sobrepor a lei? Nós, do STICC, acreditamos que as leis trabalhistas atuais e que qualquer assunto relacionado a elas devam ser debatidos em profundidade, em conjunto com as organizações sindicais. Os trabalhadores devem ser os protagonistas deste processo.

A Confederação Nacional da Indústria, uma organização patronal, desenvolveu uma proposta com “101 medidas para modernizar as relações trabalhistas”. Um documento alinhado com a proposta de reforma trabalhista do atual governo. Falta lembrar que nenhuma proposta desse tipo pode ser encarada como algo que “prioritariamente, visa a melhoria das condições de vida dos trabalhadores”. Por quê? Trata-se de uma proposta unilateral, dos empregadores. Para nós, trabalhadores brasileiros, há coisas inegociáveis. Entre elas, está o direito a uma vida digna em que se considera incluir o direito a um trabalho decente.



Projetado por Photoroyalty / Freepik

O QUE APRENDEMOS COM A CORRUPÇÃO

A Operação Lava-Jato, que já transcendeu as fronteiras do Brasil, começou com a descoberta de desvios de verbas públicas na Petrobras. Com o prosseguimento das investigações, fomos surpreendidos ao saber que grandes empresas do ramo da construção brasileiro, capitaneadas pela Odebrecht, participavam de um esquema de pagamento de propinas a autoridades e funcionários públicos em troca de contratos de grandes obras.

A luz dos fatos mostrou que os trabalhadores foram colocados em último lugar na escala de recebimento de recursos para uma melhoria na qualidade de vida. Sem esquerda e sem direita “o meu bolso é o que conta”, tornou-se o slogan de alguns políticos. Não há justificativa aceitáveis para tamanho golpe na população. As cifras não são pequenas. Não se tratam de milhões de reais, mas de bilhões de dólares!

Hoje sabemos que mais de dez países, incluindo o Brasil, sofreram na mão de políticos e empresários. Entre as consequências deste proces-

so no início de 2017, a Odebrecht já se comprometeu a pagar indenizações de pelo menos 7 bilhões de reais. Um legado negativo desta equação reside na perspectiva de que esses atos ilícitos são responsáveis por grande parte dos 12 milhões de trabalhadores desempregados hoje, no Brasil. Todos esses fatos desencadearam problemas econômicos e, em função disso, crises nas áreas da segurança na precariedade da saúde.

O país está contaminado por uma espantosa falta de ética. A verdade é que o bem só é bom quando é solidário, quando está direcionado para a coletividade. Leis destinadas à prevenção e à repressão da corrupção já fazem parte da nossa realidade. Agora, é preciso vontade política para efetivá-las.

Fazer política trata-se de ética. Fazer política trata-se da construção de uma sociedade repleta por valores de justiça, solidariedade e honestidade.

*Gelson Santana
Presidente do STICC*

CHEGA DE MORTES NOS CANTEIROS DE OBRAS PELO MUNDO

Somente nos últimos 4 anos, quase 20 trabalhadores morreram nos canteiros de obras em Porto Alegre por falta de segurança no trabalho. Isso não é uma particularidade da região, já que Além disso, onze trabalhadores também perderam a vida nas obras para as Olimpíadas do Rio de Janeiro – um canteiro de obras que atraía os olhares da opinião pública internacional.

A morte mais recente em Porto Alegre ocorreu, em dezembro passado, em uma reforma de um centro comercial de uma avenida movimentada da cidade. Ele O trabalhador caiu de uma altura de mais de dois metros. Segundo testemunhas,



ele estava sem os equipamentos de segurança. O STICC notificou a empresa que terá que apresentar todos os documentos solicitados pela entidade, além do tratamento especial à família da vítima.